



Pentecostalismo e o choque de civilizações: o Brasil e a identidade judaico-cristã

Pentecostalism and the clash of civilizations: Brazil and the Judeo-Christian identity

Luís Zimmer¹

Guilherme Cardoso Estevão²

Resumo: O presente artigo propõe discutir, por meio de perspectivas das Relações Internacionais, a relação entre o choque de civilizações e o pentecostalismo brasileiro. Nosso intuito aqui não é declarar apoio ou discordar da polêmica tese de Huntington, mas sim averiguar um apelo à identidade civilizacional neste grupo. Para tanto, buscaremos analisar a construção da identidade judaico-cristã fomentada pelos discursos de políticos e pastores pentecostais, bem como as implicações para esse “Outro” islâmico que surge nestes discursos. A religião é parte importante dessa lógica ao originar civilizações homogêneas e antagonistas.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Choque de civilizações. Identidade internacional. Civilização judaico-cristã. Islã.

Abstract: This article proposes to discuss, through International Relations perspectives, the relationship between the clash of civilizations and Brazilian Pentecostalism. Our aim here is not to declare support or disagree with Huntington's controversial thesis, but to investigate an appeal to civilizational identity in this group. To this end, we will seek to analyze the construction of the Judeo-Christian identity fostered by the speeches of Pentecostal politicians and pastors, as well as the implications for this Islamic “Other” that appears in these speeches. Religion is an important part of this logic, as it originates from homogeneous and antagonistic civilizations.

Keywords: Pentecostalism. Clash of civilizations. International identity. Judeo-Christian civilization. Islam.

Introdução

O presente artigo surge na esteira de muitos estudos que buscam averiguar a existência de um apelo à cultura, à religião e ao pertencimento civilizacional como

¹ Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: luisgustavozimmer@gmail.com

² Mestrando em Política Científica e Tecnológica pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduado em Geografia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: guiestevao97@gmail.com



causa para a violência moderna entre grupos. Nesse sentido, nossa abordagem procura compreender o papel dos significados e as representações construídas e disseminadas por pastores e políticos pentecostais na construção de uma identidade brasileira antagônica a outros grupos.

A principal justificativa para a pesquisa está na incipiência dos estudos sobre a influência da religião nas Relações Internacionais no Brasil (DE JESUS, 2018; SANTOS, 2011; FERREIRA, 2018). A pouca atenção à religião na área está ligada ao predomínio da “tese da secularização” que afirma a separação da religião e da política na modernidade. A partir desta fase, a religião estaria relegada à esfera privada enquanto o domínio público seria secularizado, sem qualquer influência entre as duas esferas (BERGER, 2011).

Posteriormente, à volta ao debate sobre modernidade, religião, secularismo e violência se deram com o advento de fenômenos políticos que pareciam contradizer a pretensa divisão entre política e religião, bem como o desaparecimento da última na modernidade (SANTOS, 2011). Desse modo, os ataques ao Charlie Hebdo e Bataclan em Paris³, a ascensão e queda do Estado Islâmico (ISIS) no Iraque e na Síria, o conflito israelo-palestino, as milícias cristãs nos Estados Unidos, a guerra entre cristãos e muçulmanos na República Centro-Africana voltaram os olhos dos pesquisadores para a influência da religião nas relações internacionais (ESTRADA, 2019).

Do mesmo modo, o atentado de 11 de setembro em Nova York tornou-se um dos mais patentes símbolos do papel de promoção da violência, que pode ser exercido pela religião na modernidade (HOOVER, 2004). Sem dúvida, dali em diante, cresceu o número de estudos em torno do terrorismo islâmico, seja para analisar a religião como uma variável independente na explicação de eventos internacionais (ESTRADA, 2019), seja na desconstrução da imagem do islã como uma religião mais propensa à violência (RIZVI, 2011).

Por sua vez, a presente pesquisa busca analisar a conexão entre religião e violência não em um contexto externo, mas trazendo-a para dentro da sociedade brasileira. De modo análogo aos estudos sobre o islã citados anteriormente, nosso objetivo é compreender a construção de uma visão pentecostal em relação à política

³ O Charlie Hebdo é um jornal satírico francês, enquanto o Bataclan é uma casa de shows. Ambos sofreram atentados terroristas em 2015 reivindicados pelo Estado Islâmico do Iraque e do Levante.



internacional e a questão árabe-israelense. Esta escolha foi adotada pela relativa ausência de estudos que analisam a relação entre religião e violência internacional no campo pentecostal brasileiro. De maneira geral, os estudos da área ressaltam a representação das religiões afro-brasileiras como o “Outro” pentecostal por excelência (MARIANO, 2014).

Por meio de um referencial teórico das Relações Internacionais (RI), buscamos enfatizar a influência entre religião e relações internacionais, relação esta que é negada na base mesma do ato fundador da disciplina, o tratado de Westphalia e a exclusão da religião nos assuntos de política após as guerras religiosas dos séculos XVI e XVII⁴ (PHILPOTT, 2000). O ponto de partida da investigação nos afirma que a religião, por vezes, pode definir “o sentido, a natureza e o resultado da guerra e outros eventos internacionais”, bem como “influenciar as identidades e as motivações das pessoas em um conflito” (DE JESUS, 2018, p. 03).

Como sustenta Berger (2011, p. 199), a linguagem é o meio utilizado pela religião para a construção dos significados que lhe fundamentam. Uma vez que as verdades religiosas se estruturam a partir da linguagem, examinaram-se os discursos de políticos e pastores pentecostais como método para compreensão dos efeitos desta religião no mundo. Considerando que os discursos são aquilo que estrutura o esquema de pensamento dos atores envolvidos no jogo (FOUCAULT, 2008) induzindo-os a uma tomada de posição específica, tem-se por objetivo demonstrar a relação destes atores político/religiosos com os padrões de conflito internacionais.

1. A tese do choque de civilizações

Com a queda do muro de Berlim em 1989, inúmeros pesquisadores passaram a questionar o futuro da paz e da guerra no mundo pós-guerra fria (RIZVI, 2011). Em um extremo, encontra-se a visão de Fukuyama (1992) para quem a nova ordem unipolar liderada pelos Estados Unidos representaria o fim da história, um momento a partir do qual a guerra deixaria de existir no sistema internacional. De outra forma, Huntington (1993; 1997) prevê a continuação dos conflitos no século XXI. A isto se adiciona a

⁴ O tratado de Westphalia pôs fim a Guerra dos Trinta Anos na Europa e estabeleceu a cada Estado o direito de escolher sua orientação religiosa sem influência externa.



compreensão de que a origem dos últimos será diferente de agora em diante, não mais nas ideologias - como a disputa anterior entre Capitalismo e Socialismo -, mas sim no choque de civilizações. Segundo esta visão, as diferenças culturais representarão a forma dominante de conflito global.

(...) diferenças entre civilizações não são apenas reais; elas são básicas. As civilizações são diferenciadas umas das outras pela história, língua, cultura, tradição e, o mais importante, religião. As pessoas de civilizações diferentes têm visões diferentes sobre as relações entre Deus e o homem, o indivíduo e o grupo, o cidadão e o estado, pais e filhos, marido e mulher, bem como visões diferentes sobre a importância relativa dos direitos e responsabilidades, liberdade e autoridade, igualdade e hierarquia. Essas diferenças são produto de séculos. Elas não irão desaparecer tão cedo (HUNTINGTON, 1993, p. 03, tradução nossa).

Central para esta abordagem é o conceito de civilização entendida aqui como o maior agrupamento cultural de pessoas com elementos compartilhados por seus membros como “idioma, história, religião, costumes, instituições e pela autoidentificação subjetiva das pessoas” (HUNTINGTON, 1993, p. 02, tradução nossa). A cultura está na base do conceito de civilização. Elas “se referem ambas ao estilo de vida em geral de um povo, e uma civilização é uma cultura em escrita maior” (HUNTINGTON, 1997, p. 46). Assim, as diferenças culturais entre os povos são compreendidas como fonte para divergências políticas em temas como direitos humanos, migração, negócios, comércio, meio ambiente etc. (HUNTINGTON, 1993).

O papel da religião ganha destaque nessa identificação civilizacional, o descontentamento com as anomias sociais da modernidade vem dando vazão a um ressurgimento da religião como uma poderosa fonte de identidade (HUNTINGTON, 1997). Esses diferentes movimentos encontrados ao redor do globo enfatizam a centralidade da religião para a construção de uma nova ordem social mais justa e igualitária. A volta da religião à esfera pública torna-se a revanche de Deus face à sociedade que quis afastá-lo na modernidade (KEPEL, 1991).

Desse modo, para Huntington (1997), a existência de oito blocos relevantes para os conflitos internacionais do século XXI, sendo que a maioria delas tem uma religião específica como seu fundamento: civilização ocidental, japonesa, sínica, islâmica, ortodoxa, africana, hindu e, por fim, latino-americana (o Brasil se encontraria nessa



última). A religião funciona aqui como um propulsor da violência entre estes grupos, pois segundo Huntington (1997, p. 158).

(...) códigos separados governam o comportamento para com aqueles que são “como nós” e os “bárbaros”, que não são. As regras das nações da Cristandade para lidarem umas com as outras eram diferentes daquelas para lidarem com os turcos e outros “pagãos”. Os muçulmanos agiam de forma diferente para com os do *Dar al-islam* e os do *Dar al-harb*.

O autor também dá muito espaço para a relação entre a civilização ocidental e islâmica em seu texto sempre com uma certa memória do passado conflituoso entre ambas. É que o cristianismo e o islã são credos universais que se propõe como a única fé verdadeira. Historicamente ambos se expandiram pela conquista, assim “as concepções paralelas de ‘jihad’ e de ‘cruzada’ não só se parecem como distinguem esses dois credos de outras grandes religiões do mundo” (HUNTINGTON, 1997, p. 264). Desse modo o autor conjectura o aumento de confrontos entre a “Civilização Ocidental” e a “Civilização Islâmica”.

Há, ainda, destaque para as regiões em que as diferentes civilizações se cruzam para estes conflitos: a questão árabe-israelense, a migração islâmica para o ocidente, a fronteira entre Europa e Rússia, dentre outros, representam as linhas de fratura entre as civilizações. Estes serão os campos de batalha da violência organizada do século XXI. (HUNTINGTON, 1993, p. 07). Entretanto, a questão não se restringe somente aos países localizados nas “linhas de fratura”. Os conflitos podem também envolver países que têm laços civilizacionais com os beligerantes, afinal, cada lado tende a reunir apoio dos demais incluídos na sua civilização. Assim, a “síndrome do país afim” (HUNTINGTON, 1997, p. 346) pode levar a escalada da violência entre as civilizações mesmo que determinado país não esteja diretamente relacionado com as partes primárias.

Por outro lado, a tese de Huntington também gerou inúmeras críticas. A maioria delas enfatiza a inexistência de uma divisão do mundo em diversos blocos antagônicos e incomunicáveis com base na cultura. Para os críticos, as dinâmicas descritas por Huntington não são verificáveis na realidade já que ele “remove a história da cultura, deixando apenas a geografia” (APPADURAI, 2006, p. 115). De modo semelhante, Said destaca que



Huntington é um ideólogo, alguém que quer transformar "civilizações" e "identidades" naquilo que não são: entidades fechadas e isoladas que foram purgadas da miríade de correntes e contracorrentes que animam a história humana, e que, ao longo dos séculos, tornou possível que essa história não apenas contivesse guerras religiosas e conquistas imperiais, mas também uma história de troca, fertilização cruzada e compartilhamento. Essa história muito menos visível é ignorada na pressa de destacar a guerra ridiculamente comprimida e restrita que "o choque de civilizações" afirma ser a realidade (SAID, 2001, p. 03, tradução nossa).

Sem dúvida, o debate aqui é relativo ao tratamento da cultura, e, também, da religião com o outro e das dinâmicas que essa interação origina. De um lado, podemos encontrar a visão de Huntington com a afirmação de que tal contato será conflituoso. O autor compreende que “nós só sabemos quem somos quando sabemos quem não somos e, muitas vezes, quando sabemos contra quem estamos.” (HUNTINGTON, 1997, p. 20). Nesta chave, a religião funcionaria como fonte da violência por seu foco no absoluto e no incondicional (ESTRADA, 2019).

Por outro lado, os críticos enfatizam que os contatos entre as civilizações não levariam ao trágico conflito entre as partes. Para tal visão, as civilizações não estão necessariamente condenadas ao conflito entre si; na verdade, diversos resultados que não a guerra são possíveis no contato com o outro. Daí o enfoque do diálogo civilizacional na busca da paz no contato entre os diferentes grupos como observado no diálogo entre as comunidades judaicas, islâmicas e cristãs lideradas pelo Papa Francisco na Igreja Católica (CARO, 2016). Deste modo, Huntington estaria traçando linhas na areia (SAID, 2001) ao dividir o mundo em diferentes civilizações homogêneas e antagonistas.

2. A defesa da civilização judaico-cristã como identidade comum

Com o intuito de analisar o apelo civilizacional no meio pentecostal brasileiro, foram selecionados discursos proferidos por pastores e lideranças pentecostais brasileiras, bem como pronunciamentos de representantes políticos do legislativo que estão estritamente ligados a estas igrejas. A identificação da filiação religiosa dos parlamentares e religiosos encontra-se nas notas de rodapé.



Em primeiro lugar os discursos pentecostais reiteradamente fazem menção à questão árabe-israelense. Deputados e pastores fomentam uma identidade internacional que inclui Brasil e Israel no mesmo bloco.

Não preciso me prolongar, portanto, em dizer que devemos dar as mãos ao povo judeu, que hoje cuida do que é parte da história d'Aquele a quem somos devotos. Por razões que vão muito além das religiosas, o Estado de Israel é responsável pela preservação da nossa cultura enquanto cristãos, ocidentais e seres humanos, e merece todo nosso apoio e irmandade. Falo em nome da Frente Parlamentar em Defesa da Vida e da Família, (...) além de representar todos aqueles que tiverem qualquer respeito pela história e pela cultura construídos, ao longo de milênios, na cidade mais antiga do mundo. Dep. Alan Rick⁵ REPUBLICANOS – AC (DETAQ, 2017, p. 08).

Eu não poderia deixar de comemorar a data e lembrar parte da história. Saliento ainda que Israel fez inúmeras contribuições, olhando sob aspecto das realizações, fez inúmeras contribuições para a humanidade em diversas áreas. Ali está o alicerce da civilização judaico-cristã. Dep. Takayama⁶ PSC – PR (DETAQ, 2018, p. 16).

Quando eu me refiro a cultura judaico-cristã eu tô pegando a Bíblia como um todo, porque se você pega só o Novo Testamento, sem o Antigo Testamento, você vai ser roubado de toda uma fundamentação que Deus estabeleceu. Na verdade, a igreja não veio para substituir Israel, (...) o Novo Testamento não é uma substituição do antigo, é pra ser uma continuidade, porque quando nós pensamos nos princípios que Deus estabeleceu sobre sacerdócio, sobre como restaurar os alicerces de uma sociedade, você vai encontrar tudo isso no Antigo Testamento, então é muito importante a gente considerar a cultura judaico-cristã. Pr. Marcos Borges Coty⁷ (COTY, 2019).

O fator mais importante para a criação da Europa e das Américas, a influência cristã permeia toda a vida desses continentes. Se o modelo do Ocidente não fosse o modelo judaico-cristão o ocidente seria uma sociedade de bárbaros, o que é o Ocidente? Isso é o negócio mais maluco que eu fico vendo, vem do cristianismo: direitos humanos, direito à vida, valorização da mulher, da criança e do idoso, família e vida em família. Pr. Silas Malafaia⁸ (ADVEC, 2018).

Os trechos elencados evidenciam a formação de uma identidade comum entre Brasil e Israel ao redor da “Civilização judaico-cristã” por parte de grupos pentecostais.

⁵ É apresentador de TV e pastor licenciado da Assembleia de Deus.

⁶ É também pastor da Igreja Assembleia de Deus.

⁷ É pastor e um dos proprietários da Editora Gospel Jocum.

⁸ Silas Malafaia é líder da ADVEC, Assembleia de Deus vitória em Cristo.



Israel torna-se o alicerce da sociedade, o berço do cristianismo. Cabe destacar, por fim, que os discursos dos deputados foram proferidos no congresso nacional objetificando influenciar o Estado, enquanto os discursos de pastores deram-se nas igrejas em direção aos fiéis.

Como sustenta Wendt (1999), as identidades são entendimentos intersubjetivos a respeito de si que geram disposições motivacionais e comportamentais socialmente. Nesse sentido, as identidades dos dois países fundem-se na construção de uma comunidade imaginada (ANDERSON, 2008), na reificação de estruturas humanas (WENDT, 2013), na naturalização do arbitrário (BOURDIEU, 2007), enfim, em um “Nós coletivo” que abrange Brasil e Israel.

O fundamento de tal arranjo reside, sem dúvida, na religião. O Deus dos pentecostais é o Deus dos judeus, quanto a isso “não há absolutíssima diferença” (MALAFAIA, 2015). Por consequência, Brasil e Israel têm o mesmo Deus, seu alicerce comum. Aí se entende todo o empenho na defesa do Sionismo. A identificação coletiva “tende a gerar certa forma de altruísmo, pois o bem-estar alheio passa a ser visto como indissociável do bem-estar próprio” (RICHE, 2012, p. 59). Se o Deus cristão é também o Deus de Israel, defender os judeus e seus interesses torna-se, neste jogo de representações, defender o Brasil e o próprio cristianismo. De fato, o posicionamento dos pastores e políticos pentecostais elencados se assemelha à “síndrome do Estado afim” observada por Huntington (1997): eles buscam aproximar o Brasil de Estados que fazem parte da civilização judaico-cristã como é o caso de Israel.

Nesse contexto, cabe destacar também a profunda difusão de interpretações acerca da identidade internacional brasileira. Efetivamente, as identidades são sempre elaboradas de forma interdiscursiva: elas nascem, morrem e se atualizam a partir da prática dos atores envolvidos (MESQUITA, 2016). Essa chave nos permite superar o modo de pensar substancialista (BOURDIEU, 1996) que determina uma essência cultural ao país. No lugar disto, a identidade baseada na religião fomentada por grupos pentecostais é mais um paradigma que surge para responder o antigo dilema sobre “quem são os brasileiros? o que é o Brasil?”, pergunta já respondida de inúmeras maneiras: “país latino-americano”, “país de terceiro mundo”, “civilização *sui generis*”, “potência emergente”, dentre outros (MESQUITA, 2016).



A solução judaico-cristã, por sua vez, é mais um sistema de representações que se inclui nesta luta simbólica (BOURDIEU, 1996). Analiticamente, os discursos indicam uma inserção de Israel e Brasil em um “bloco ocidental” junto aos demais países influenciados culturalmente pelo cristianismo. É interessante notar também que esta visão diverge da classificação do próprio Huntington (1997) que inclui o Brasil em uma civilização latino-americana.

Há, contudo, uma decorrência não esperada no fenômeno. Por um lado, a construção de uma identidade comum na civilização judaico-cristã junta individualidades anteriormente divididas. Por outro lado, ela estabelece um novo corte, uma nova lógica de divisão externa. Ela vê surgir um “Outro” nos esquemas de percepção

O meu sonho é que cada país árabe, sem querer aqui me interferir nas decisões que são de cunho pessoal de cada nação e de cada povo, - mas eu posso sonhar como brasileiro - é de que alguns países árabes que vivem um governo teocrático possam **como Brasil, como Israel**, como a maioria dos países do mundo, ver que o melhor modelo para a política é o modelo democrático. (...) Só com a democracia nós viveremos países equilibrados, saudáveis e em paz. Sóstenes Cavalcante⁹ DEM – RJ (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2018, grifo nosso).

O Brasil recebeu, na semana passada, um aiatolá, um líder religioso iraquiano que vive no Irã e que prega a destruição de Israel. Esse homem, incentivador de grupos terroristas, fascinado, exerce fascínio sobre o assassinato e se vale das democracias, como a nossa, para espalhar, num país como o nosso, que é um país laico, as suas igrejas. Nós, aqui, temos liberdade de pregar em qualquer lugar, mas os seus países não abrem as portas, e muito pelo contrário. Por exemplo, hoje o Egito não está dando conta de proteger os cristãos que são mortos, são decapitados nesses países onde esses terroristas, em nome de Alá, pregam a morte e a destruição de cristãos e a destruição de Israel. Por isso, o meu repúdio, a minha insatisfação com a diplomacia brasileira, por ter permitido que esse cidadão que prega a morte, a destruição, incentivador de grupos terroristas, viesse ao País. Sen. Magno Malta¹⁰ PL – ES (SENADO FEDERAL, 2017).

Eu quero alcançar os países muçulmanos, eu quero chegar nos países árabes, (...) porque eu sei que eles estão sofrendo, eu sei que eles são aflitos, eu sei que eles são desesperados, como eu fui, eu sei que eles

⁹ Sacerdote da Assembleia de Deus e um dos líderes da Frente Parlamentar Evangélica na Câmara dos deputados.

¹⁰ Além de senador, Malta é também cantor gospel e pastor da Assembleia de Deus Vitória em Cristo.



precisam tanto quanto eu precisei. Então Jesus não veio só para o ocidente, ele veio para o oriente, ele veio para todos. Bispo Edir Macedo¹¹ (UNIVERSAL, 2018).

Quando ouço as declarações de Ahmadinejad, com suas palavras, escorrendo a baba envenenada do ódio contra o povo hebreu, lembro-me daquele menino, do seu olhar que só mostrava perplexidade, sem reação, impotente diante daquela agressão. Um emblema da incompreensão dos inocentes diante do ódio e do racismo insano que resultam fúria cega das mentes possessas pelo arbítrio, o orgulho e a prepotência. Dep. Marcelo Crivella¹² REPUBLICANOS – RJ (DETAQ, 2009, p.28).

A questão, senhores, é o que nós queremos para o nosso país. Olha o que é que tá acontecendo com a Europa, daqui a 30, 40 anos a Europa é Islâmica. Eles crescem, o índice de natalidade é 5.6, enquanto a Europa cresce um 1.29, 1.30, irreversível isso. Estão reclamando dos evangélicos aqui no Brasil? Estão reclamando do cristianismo? Onde o cristianismo é maioria é tolerante com as outras religiões, onde os muçulmanos são maioria são intolerantes. Pr. Silas Malafaia (MALAFAIA, 2019).

Os trechos destacados permitem afirmar a construção deste “Outro” nos discursos pentecostais, direcionado ao islã e às nações influenciadas culturalmente por essa religião, com destaque, sem dúvida, para o Irã. Os discursos associam este “outro” islâmico a termos como “terrorista”, “intolerante”, “prepotência”, “governo teocrático”, “destruição de cristãos e a destruição de Israel”.

A mesma lógica anteriormente observada na civilização judaico-cristã continua presente na constituição deste “Outro”. A religião é o que os define, porém, entre cristianismo e islã não há nenhum tipo de familiaridade como é o caso do Judaísmo. Seus Deuses e seus códigos morais divergem: eles são diferentes de “Nós”. Assim, o conflito que surge é tão somente decorrência destas diferenças.

Israel na verdade é atacado, real e ideologicamente, por aqueles que não aceitaram a legítima votação da ONU. Não aceitaram porque não admitiam reconhecer a formação de um país democrático, cujo valor político estava fundado na liberdade individual de cada pessoa não admitiu que a antiga ambição despótica pudesse se sucumbir à uma decisão tomada segundo os preceitos da democracia plural, o não

¹¹ Edir Macedo é fundador e líder da Igreja Universal do Reino de Deus, uma das maiores Igrejas pentecostais do Brasil.

¹² É sobrinho de Edir Macedo e bispo licenciado da Universal, posteriormente ao discurso destacado se tornou senador, Ministro da Pesca e prefeito do Rio de Janeiro.



reconhecimento persistente daqueles países faz o povo judeu pagar constantemente a eterna vigilância, para viver em liberdade. Jony Marcos¹³ PRB – SE (DETAQ, 2018, p. 14).

O dualismo pentecostal está presente por detrás desta classificação. O eterno conflito das forças de luz do Deus bondoso contra as trevas impuras do Deus mal é aplicado às nações (MARIANO, 2014). Ele as divide em dois blocos antagônicos: as nações que compartilham o nosso Deus e os nossos valores na civilização judaico-cristã e esse Deus agressivo e intolerante na civilização Islâmica.

Com efeito, o ator pentecostal tende a reforçar uma visão de um mundo mágico nas quais forças transcendentais participam ativamente dos acontecimentos mundanos (MARIANO, 2014). Nessa narrativa, tudo pode se revestir de um caráter mágico: doença, miséria, fome, guerra, nações, acontecimentos políticos (SMIDERLE, 2011). Nada do que aqui se passa poderia ser independente desta influência transcendental. Os discursos em torno da questão árabe-israelense se apoiam largamente nesta “visão de mundo” encantada (WEBER, 1982). A razão para este conflito não está inscrita na história, ela recebe um sentido teológico: “Israel foi o povo escolhido de Deus, e não tem jeito. Deus não escolheu os muçulmanos” nas palavras do Bispo Edir Macedo (UNIVERSAL, 2015). O próprio surgimento de ambas as civilizações aí se insere. Elas descendem de Abraão. Do casamento do patriarca com Sara nasceu Isaque, de onde vem a nação de Israel, enquanto da relação entre Abraão e sua escrava Agar veio Ismael, o ancestral da civilização islâmica:

Porém, mais tarde, a semente de Abraão com Agar viria a trazer desgostos e infortúnios não apenas para Sara, mas também para a nação gerada de seu filho, Isaque: Israel. Com certeza se Sara fosse viva hoje, diante de todos os acontecimentos trágicos que tem ocorrido no Oriente Médio, teria amaldiçoado o dia que sugeriu a seu marido coabitar com Agar (MACEDO, 2003, p. 28).

Em seus pronunciamentos estes grupos buscam salientar na esfera pública a existência de uma civilização islâmica agressiva e antagônica à civilização judaico-cristã de que o Brasil faz parte. Desse modo, estes atores pentecostais buscam estruturar, tanto nos fiéis quanto no Estado, esta visão de um mundo dividido em civilizações. Além disso, os discursos analisados estão repletos de um orientalismo contemporâneo

¹³ É também pastor da igreja Universal.



em relação ao islã, como já verificado logo após os atentados do 11 de setembro, sempre enfatizando a suposta intolerância e a barbárie inerente ao islã (RIZVI, 2011).

Compreende-se que as implicações do sionismo cristão para a tese do choque de civilizações necessitam de mais estudos. Aqui, dois pontos merecem destaque: em primeiro lugar surge a questão da presença de um apelo civilizacional na base de fiéis destas igrejas de maneira similar à pesquisa de opinião de Baumgartner (2008), realizada em contexto norte-americano, sobre o apoio do meio evangélico como um todo a Israel, a política externa americana em relação ao Iraque e à visão de que o Islã é a religião mais violenta. Em segundo lugar cabe também uma análise mais profunda da generalidade desta visão civilizacional frente a toda a diversidade dos pentecostalismos brasileiros, isto é, seriam os pastores e políticos destacados no decorrer deste estudo apenas uma minoria barulhenta em meio a este campo religioso?

O surpreendente nas representações sociais deste “Outro” que surge no discurso pentecostal é que o Brasil não conta com grande população islâmica (DEMANT, 2008). Assim, ao analisar a relação entre evangélicos e islâmicos no Brasil, Santos (2011, p.28) entende que há uma espécie de “guerra santa eletrônica através dos meios de comunicação”. Não existem aqui tensões sociais abertas que levam a violência entre esses grupos de modo semelhante ao que acontece na Europa (DEMANT, 2008). Entretanto, os casos de islamofobia no país vêm aumentando. No estado do Rio de Janeiro, logo após as religiões de matriz africana, os muçulmanos são os que mais sofrem intolerância religiosa. Um exemplo seria o caso de Ana Cláudia Mascarenhas, xingada de terrorista e agredida enquanto andava na rua (AGÊNCIA BRASIL, 2015).

A religião cumpre aqui “funções de inclusão e exclusão, de associação e dissociação, de integração e distinção” (BOURDIEU, 1996, p. 30) entre as diferentes nações do mundo ao criar civilizações homogêneas e antagonistas. A religião é, nesta visão, um símbolo que identifica o grupo tal qual uma bandeira que se louva na coletividade e também se defende nos confrontos.

Considerações finais

Foge ao escopo deste trabalho declarar apoio ou discordar da polêmica tese de Huntington. Nosso intuito não foi comprovar que o choque de civilizações se



estabelecerá - ou não - como o padrão de conflitos no século XXI. Entretanto, a análise do sionismo destes atores nos permite afirmar, pelo menos, que estes grupos reforçam a identificação baseada na cultura e na religião observada pelo autor ao reificar esta estrutura social em seus discursos.

Os pastores e políticos pentecostais analisados no decorrer deste artigo fazem com que exista fora de si uma realidade já definida. Eles produzem uma resposta diferente à questão da identidade e do papel nacional do Brasil ao produzir uma nova identificação baseada na religião. Nesta visão, Brasil e Israel compartilham uma identidade comum em torno da “civilização judaico-cristã”.

Entretanto, essa classificação também vê surgir um “Outro” nos esquemas de representação: os discursos constroem uma civilização islâmica perigosa, agressiva e intolerante que é antagonica, por sua própria natureza, à civilização judaico-cristã. O orientalismo se faz presente nas descrições por meio de termos como “terrorista”, “despotismo”, “prepotência”. Os discursos evidenciam a violência simbólica em direção às populações incluídas nesta civilização islâmica por parte de pastores e políticos pentecostais.

Referências Bibliográficas

ADVEC - Assembleia de Deus Vitória em Cristo. **O cristão e a cidadania terrena.**

2018. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Z3pPxiH_CcE&ab_channel=ADVEC-AssembleiadeDeusVit%C3%B3riaemCristo>. Acesso em 17 jan. 2021.

AGÊNCIA BRASIL. **Muçulmanos estão entre as principais vítimas de intolerância religiosa no Rio.** 2015. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-08/mulcumanos-estao-entre-principais-vitimas-de-intolerancia-religiosa>>. Acesso em 15 abr. 2021.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.** Editora Companhia das Letras, 2008.

APPADURAI, Arjun. **Fear of small numbers: An essay on the geography of anger.** Duke University Press, 2006.

BAUMGARTNER, Jody C.; FRANCA, Peter L.; MORRIS, Jonathan S. **A clash of civilizations?** The influence of religion on public opinion of US foreign policy in the Middle East. *Political Research Quarterly*, v. 61, n. 2, 2008, p. 171-179.



BERGER, Peter L. **The sacred canopy: Elements of a sociological theory of religion.** Open Road Media, 2011.

BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Papirus Editora, 1996.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Homenagem ao Dia Mundial de Jerusalém.** 2018. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=67-uQ_rmPu0&list=PLOFk5LrsBSHPLfAhtJa0xWsuolFyGLkr8&index=29&ab_channel=CamaradosDeputados>. Acesso em 17 jan. 2021.

CARO, Isaac; RODRÍGUEZ, Isabel. **El enfoque del diálogo civilizacional desde América Latina.** Revista de Relaciones Internacionales, Estrategia y Seguridad, v. 11, n. 1, 2016, p. 147-169.

COTY, Marcos Borges Coty. **Cultura Judaica-Cristã X Marxismo Cultural.** 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aq2LIYJCcqc&ab_channel=PrCoty>. Acesso em 17 jan. 2021.

DE JESUS, Diego Santos Vieira. **Em nome de Deus? religião e relações internacionais.** Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, v. 20, n. 29, 2018, p. 215-231.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano.** Editora Contexto, 2008.

DETAQ. **Sessão Solene em homenagem à criação do Estado de Israel.** 2009

_____. **Sessão Solene em homenagem à criação do Estado de Israel.** 2017

_____. **Sessão Solene em homenagem à criação do Estado de Israel.** 2018

ESTRADA, Rodrigo Duque; COSTA, Renato. **Religion and the New Wars: Debate.** Contexto Internacional, v. 41, n. 1, 2019, p. 163-186.

FERREIRA, Marcos Alan SV; CARLETTI, Anna C. **Religião no ensino e na pesquisa em Relações Internacionais do Brasil.** Meridiano 47- Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais, v. 19, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.



HOOVER, Dennis R. **Is Evangelicalism Itching for a Civilization Fight?** A Media Study. *The Brandywine Review of Faith & International Affairs*, v. 2, n. 1, 2004, p. 11-16.

HUNTINGTON, Samuel, P. **The clash of civilizations**. *Foreign affairs*, v. 72, n. 3, 1993, p. 22-49.

HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

MACEDO, Edir. **A fé de Abraão**. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2003.

MALAFAIA, Silas. **Evangélicos e judeus são aliados na defesa de Israel**. 2015.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=wYgqp3sVYto&list=PLOFk5LrsBSHPLfAhtJa0xWsuolFyGLkr8&index=12&ab_channel=FIERJComunicacao>. Acesso em 11 Jan. 2021

MALAFAIA, Silas. **O que acontece quando o Cristianismo é rejeitado**. 2019.

Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=DokSh4-heUQ&list=PLOFk5LrsBSHPLfAhtJa0xWsuolFyGLkr8&index=30&ab_channel=SilasMalafaiaOficial>

Acesso em 15 jan. 2021.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. Edições Loyola, 2014.

MESQUITA, Rafael. **A identidade internacional do Brasil: uma síntese da literatura**. *Carta Internacional*, v. 11, n. 3, 2016, p. 5-31.

PHILPOTT, Daniel. **The religious roots of modern international relations**. *World Politics*, 2000, p. 206-245.

RICHE, Flávio Elias. **A guinada quântica no pensamento de Alexander Wendt e suas implicações para a teoria das Relações Internacionais**. 2012.

RIZVI, Fazal. **Beyond the social imaginary of ‘clash of civilizations?’** *Educational Philosophy and Theory*, v. 43, n. 3, 2011, p. 225-235.

SAID, Edward. **The clash of ignorance**. *The nation*, v. 22, 2001.

SANTOS, Alberto Pereira dos. **Geopolítica das igrejas e anarquia religiosa no Brasil. Por uma geóctica de apoio mútuo**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SENADO FEDERAL. **Pronunciamento de Magno Malta**. 2017. Disponível em:

<<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/texto/433643>>.

Acesso em 14 jan. 2021.



SMIDERLE, Carlos Gustavo Sarmet Moreira. **Entre Babel e Pentecostes: cosmologia evangélica no Brasil contemporâneo.** *Religião & Sociedade*, v. 31, n. 2, 2011, p. 78-104.

UNIVERSAL. **O nascimento de Israel.** 2015. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=VUckjkTNRKE&list=PLOFk5LrsBSHPLfAhtJa0xWsuolFyGLkr8&index=7&ab_channel=IgrejaUniversal>. Acesso em 14 jan. 2021

_____. **Bispo Edir Macedo fala sobre o sonho de alcançar os países árabes.** 2018. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=HQND0EvHbog&ab_channel=PortalUniversal>. Acesso em 20 jan. 2021.

WEBER, Max; GERTH, Hans Heinrich; MILLS, Charles Wright. **Ensaaios de sociologia.** 1982.

WENDT, Alexander. **Social theory of international politics.** Cambridge University Press, 1999.

WENDT, Alexander; ESTRADA, Rodrigo Duque. **A anarquia é o que os Estados fazem dela: a construção social da política de poder.** *Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD*, v. 2, n. 3, 2013, p. 420-473.